

1. Introdução

Esta dissertação tem como objetivo um estudo sobre a relação entre travestis moradoras do Rio de Janeiro e a religião.

Sou psicólogo clínico. Por causa de constantes situações de violência intra-familiar encontradas na fala de pacientes durante sessões no consultório, achei necessário me aprofundar no tema. Iniciei o curso de *Atendimento á criança e adolescentes vítimas de violência doméstica* na PUC/RJ (2004). Lá, estudei sobre as quatro violências domésticas exercidas principalmente sobre crianças, adolescentes e mulheres. Notei, no entanto, que nada se falava no tangente a violência contra homossexuais, muito menos contra travestis. Como lia em vários jornais a respeito da violência exercida sobre esta população, interessei-me em pesquisar mais sobre o assunto. Eu e uma amiga do curso, que é assistente social, decidimos escrever o TCC (Trabalho de Conclusão de curso) com o tema da violência sofrida por travestis no Rio de Janeiro.

Descobrimos pouco material. Havia alguns poucos livros sobre travestis, apenas etnografias que discorriam principalmente sobre montagem¹, prostituição e a violência que permeava o mundo *trans*.

No final do curso, durante correção do TCC, foi comentado pela Prof. Ilda Lopes Rodrigues da Silva (responsável pelo curso de Atendimento á criança e adolescente vítimas de Violência Doméstica) que pouco havia na PUC matéria sobre este tema; apenas um trabalho também de conclusão de curso, no Departamento de Serviço Social. Ela sugeriu que este seria um tema interessante para uma Dissertação de Mestrado.

Fiquei com esta sugestão em minha mente. Decidi, dias depois, inscrever-me para o Mestrado em Serviço Social, na PUC. Após ingresso, fui convidado pelo prof. Luis Corrêa Lima para participar de seu grupo de pesquisa que tratava de diversidade sexual, em reuniões nas manhãs de quintas-feiras. Já no grupo, tive

¹ Montagem é o nome usado pelas travestis ao se referirem à sua transformação em sujeito travesti: uso de batom e outros adereços femininos, entre outros.

acesso ao material sobre homossexualidade e teoria *queer*, entre outros. Ao longo do Mestrado, percebi que pouca literatura havia sobre religião e travestis. Sou católico praticante e penso ser relevante a temática da religião para os grupos sociais, seja de qual raça, etnia ou orientação sexual façam parte. Por que a religião não seria para as travestis?

Procurei algumas travestis para entrevista em ruas e bares da Lapa e Copacabana, mas este acesso foi difícil, já que era visto com desconfiança pelas mesmas. Sublinho que as entrevistas que fiz para o TCC da especialização mencionada foram realizadas em dupla, com a citada amiga assistente social, o que favoreceu bastante o clima para a fala delas. Decidi retomar o contato com as travestis anteriormente entrevistadas. Daí, surgiram as entrevistas que possibilitaram esta dissertação. Por participar como ouvinte do Pré-Congresso e Congresso Estadual para GLBT² (realizados na UERJ, em 2008), conheci outras travestis que lá se encontravam e colaboraram com a pesquisa; também entrei em contato com participantes do *Projeto Damas*, da Prefeitura do município do Rio de Janeiro. As travestis destes três grupos indicaram-me outras, com quem entrei em contato.

Para fundamentar a pesquisa, além de autores que escreveram sobre travestis, como Hélio Silva (1993), dialogarei com a filósofa judia Hannah Arendt. Embora já conhecesse alguns de seus textos, foi no Mestrado que me aprofundei na sua obra. Comecei pelo clássico *Sobre a Violência* (2004), seguindo depois para *Condição Humana* (1981), *Eischmann em Jerusalém* (1983) e demais obras da autora.

Por que esta autora em especial? Percebi em toda a sua obra uma luta pela condição humana, contra o preconceito para com os excluídos. É verdade que, por

² A nomenclatura do movimento homossexual teve várias alterações no decorrer dos anos. Neste trabalho, aparecerão as várias denominações, de acordo com o momento histórico em que estarão sendo mostradas. Primeiro, foi denominado GL (Gays e lésbicas); depois GLS (Gays, lésbicas e simpatizantes). Mais tarde, GLBT (Gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros), GLBTT (Gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais) e, após a Conferência Brasileira, realizada em Brasília (em junho de 2008), passou a ser designada LGBT, para maior visibilidade e respeito às integrantes lésbicas.

ser judia, e tendo sido feita prisioneira por duas vezes em campos nazistas na Segunda Guerra, este tema lhe é caro e familiar.

No entanto, Arendt poderia muito bem ter feito uma defesa apaixonada do judaísmo, apenas; no entanto, optou pela defesa de todas as formas de diversidade humana. Seu discurso, portanto, é atemporal; serviu para o século XX, com a predominância das guerras étnicas e religiosas; mas também serve para o século XXI, quando se discute cada vez mais não apenas a diversidade étnica e/ou religiosa. Neste começo de século, bastante material está sendo produzido no que diz respeito à diversidade sexual, com os ganhos conquistados em todo o mundo pela população LGBT, além da visibilidade dada em relação ao preconceito e exclusão deste grupo. Que, embora denominada de ‘minorias’, compreende milhares de pessoas ao redor do mundo, seja na vertente gay, lésbica ou qualquer outra existente (ou que venha a existir). Alguns diriam tratar-se de uma ‘maioria silenciosa’ (Trasferetti, 1998). Não são maioria; no entanto, encontram-se em todos os grupos étnicos, em todas as raças, em todas as classes sociais.

Esta dissertação se dividirá em quatro capítulos:

No primeiro capítulo, discorrerei sobre as travestis e sua vida. Serão apresentados conceitos como exclusão social e violência doméstica, que perpassam a vida das travestis;

No segundo capítulo, serão descritas as redes de solidariedade que possuem e os tipos de guetos em que se inserem (tanto históricos como LGBT); além disso, uma discussão sobre o local de socialização principal das travestis, conhecido como ‘pista’³;

No terceiro capítulo, discorrerei sobre o papel da religião na sociedade; além de descrever qual o posicionamento das religiões sobre a homossexualidade e travestilidade;

No quarto capítulo, apresentarei dados obtidos na minha pesquisa de campo, incluindo trechos de entrevistas com travestis, líderes religiosos e leigos (as). Ao

³ É o local em que exercem a prostituição (ruas e becos).

final, uma análise dos dados obtidos e se a religião pode efetivamente ser um caminho possível para uma inclusão social.

A filósofa Hannah Arendt é uma autora importante em relação a esta temática, embora não tenha focado especificamente a questão da orientação sexual em suas obras; também, não era uma temática com muita visibilidade naquela época (embora apareça na sua obra). Cavarero (2008), que escreveu sobre o *horrorismo*⁴, reverencia a obra arendtiana, como importante e valiosa para a causa LGBT.

Assim, ao lado dos autores, colocarei algumas idéias (discutidas) de Arendt, que permitiram para mim um maior entendimento e embasamento da questão da diversidade, tema desta Dissertação.

Por ter pouco material acadêmico sobre as travestis, muito do que será apresentado nesta dissertação nos dois primeiros capítulos não discorrerá especificamente sobre elas, mas sobre o público LGBT em geral. Visto que, para muitos, as travestis ainda são enquadradas apenas como gays. No histórico (sub-capítulo 1.3), por exemplo: o movimento, quando iniciado, se denominava GL (Gays e lésbicas), estando as travestis enquadradas nesta nomenclatura. Também na parte sobre religião (Capítulo 2), quase nada foi encontrado no que diz respeito especificamente à travesti. Nos preceitos religiosos citados, fala-se da homossexualidade em geral e dificilmente especifica-se outras categorias, como por exemplo, a de lésbicas e transexuais.

⁴ *Horrorismo* é um neologismo para a violência contra os inermes. É um crime ontológico, sendo a forma atual da banalidade do mal proposta por Arendt (Cavarero, 2008).